

Filomena Viegas, Associação de Professores de Português:

Neves, Maria Helena de Moura (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP.

A *Gramática de usos do português* é uma obra de referência sobre o atual uso da língua portuguesa no Brasil. Ao longo das 1037 páginas que a compõem, coloca-se o foco de abordagem na explicitação dos usos de itens lexicais e gramaticais em textos reais, recolhidos numa base de dados de 70 milhões de ocorrências, um *corpus* composto por textos de ficção – romance e teatro –, textos técnicos, jornalísticos e de oratória.

É o funcionamento da língua viva que é descrito, dando aos utilizadores da gramática a possibilidade de colherem informação sobre diferentes níveis de utilização dos itens sob análise. São dois os pontos básicos em que assentou a sua construção: a unidade maior de funcionamento é o texto; os itens são multifuncionais.

A gramática oferece índice remissivo e índice geral e organiza-se em quatro partes, segundo uma estratégia com duplo objetivo, prático, mas de orientação teórica definida. Nesse sentido, procura, por um lado, tornar mais fácil a consulta da obra, orientando a pesquisa, com a distribuição das tradicionais classes de palavras por cada uma das partes, por outro, atribui a cada uma dessas partes um título que releva dos princípios teóricos seguidos no tratamento das questões relativas às classes de palavras elencadas em cada parte.

Assim, a Parte I, que trata do verbo, do substantivo, do adjetivo, do advérbio, das conjunções integrantes e dos pronomes relativos foi designada *A formação básica das predicções: os predicados, os argumentos e os satélites*, a Parte II, relativa ao artigo definido e aos pronomes pessoal, possessivo e demonstrativo chama-se *A referência situacional e textual: as palavras fónicas*, a Parte III, que tem sob o seu escopo o artigo indefinido, o pronome indefinido e os numerais, foi titulada *A quantificação e a indefinição*, e a Parte IV, onde estão integradas as preposições, as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas adverbiais, recebeu o nome de *Junção*.

Observe-se agora, na Parte I, a título de exemplo, a estratégia de apresentação do verbo. Com base em propriedades sintáticas e semânticas, a autora começa por dividir os verbos em duas grandes classes, os que constituem predicados verbais e os que não constituem predicados e que são os tradicionalmente considerados verbos auxiliares. Os verbos que constituem predicados verbais são depois divididos em duas subclasses: dinâmicos e não-dinâmicos. Os dinâmicos são, por sua vez, subdivididos em **ações** ou **atividades** e **processos**, os não-dinâmicos compreendem os **estados**. Para explicitar os usos destas subclasses de verbos, são apresentados exemplos extraídos de obras criteriosamente referenciadas na secção Textos examinados, que precede a Bibliografia, no final da obra. Entre as exemplificações do uso de verbos de ação, acompanhados por um participante agente, encontra-se a que a seguir se apresenta, cuja sigla final nos diz que foi consultada a obra de PAIVA, M.R. (1986). *Blecaute*. São Paulo: Brasiliense:

SAPATEOU, CANTOU, ABRIU os braços e DEU um longo agudo que quase QUEBROU as taças de cristal. (BL)

Citação: «Admitir que as unidades da língua têm de ser avaliadas com relação ao texto em que ocorrem não significa desconsiderar as diversas unidades hierarquicamente organizadas dentro de um enunciado. É evidente que as entidades da língua têm uma definição estrutural, tanto ao nível da oração como no dos sintagmas menores do que ela.

A consideração de níveis assenta, por exemplo, que a valência de um verbo se determina no nível da oração, enquanto a de um nome ou de um adjetivo (ou de alguns advérbios) representa uma deslocação do sistema de transitividade para o nível de sintagma componente de oração. Por outras palavras, as chamadas *classes lexicais* têm seu estatuto semântico definido pelo sistema de transitividade, sempre interior à oração, colocando-se num segundo nível as relações semânticas textuais, ou não-estruturais, obtidas por expedientes, como a reiteração por sinonímia, hiponímia etc.

As palavras gramaticais, por seu lado, a par de constituírem peças da organização semântica frasal (ex.: preposições), podem ser privilegiadamente apreendidas e definidas na visão da organização semântica textual,

P

ou coesão (ex.: artigo definido, pronomes de terceira pessoa, coordenadores) conjugada com a visão do texto visto como organização interacional (ex.: pronomes de primeira e de segunda pessoa).» (pp. 15-16)

Teresa Vieira da Cunha, Associação de Professores de Português

Moço, Mafalda Gaspar Dias Mendes. (2011). *O texto literário como veículo de diálogo intercultural no ensino/aprendizagem da língua portuguesa*. Lisboa: Faculdade de Letras

O presente trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, sob orientação das docentes Inocência Mata e Maria José Grosso.

Encontra-se patente na dissertação, a proposta de aproximação de diferentes culturas – as que integram a escola atual – através de uma didática da literatura direcionada para tal finalidade.

Do índice, destacam-se os seguintes conteúdos: «A problemática do texto literário no ensino de PLNM»; «Consciência intercultural e competência literária: relação de complementaridade?»; «A dimensão pluricultural da língua portuguesa e do texto literário em Português»; «Analisando o lugar do texto literário nos manuais do 3º Ciclo do Ensino Básico».

Citação: «A dimensão plural da língua portuguesa e o carácter pluricultural do texto literário, escrito em língua portuguesa, podem permitir ao aluno de PLM e ao aprendente/aluno de PLNM o contacto com o outro, com outras e diferentes visões do mundo, favorecendo uma reflexão sobre a sua identidade, sobre a identidade nacional, cultural e literária do seu país a partir do contacto e do diálogo com uma identidade diferente que imana do texto. Os textos literários e o uso estético que apresentam da língua são um importante estímulo ao diálogo intercultural, uma vez que permitem a construção de pontes entre universos distintos, plurais, a partir de um elemento comum: a língua portuguesa.» (p.2)

Endereço eletrónico: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6936/1/ulfl106558_tm.pdf

AA.VV. (2013). *Revista de Estudos Literários*, vol. 3. Coimbra: Universidade de Coimbra

A publicação tem periodicidade anual, sendo o número em questão dedicado ao tema “Ensino da Literatura”. Para lá da publicação em papel, os números da revista podem ser consultados em linha. São as seguintes as secções que a compõem: secção temática; secção não temática; entrevistas; arquivo e recensões.

Destinado à didática da literatura, o presente número contém, na sua secção temática, artigos de especialistas, com os seguintes títulos: «A língua e a literatura: reflexões para uma pedagogia coalescente»; «O magistério da literatura: professores-escretores»; «Programa de Português do ensino básico – uma revisão»; «O ensino da literatura clássica portuguesa à luz do seu diálogo com a modernidade»; «Os Lusíadas (en)light(ned). A adaptação como estratégia de mediação dos clássicos em contexto escolar»; «Paródia e literatura portuguesa: da revisão teórica às potencialidades didáticas»; «Repensar o ensino da literatura a propósito do Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago»; «Literatura e (outras) artes»; «A literatura na aula de língua estrangeira e a competência intercultural»; «O papel da literatura no ensino do jornalismo: algumas reflexões».

Citação: «No VIII Congresso de Professores de Literatura Portuguesa, realizado em Araraquara, nos idos de 1970, a professora Vilma Arêas chamava a atenção de seus colegas para os padrões rígidos a que estavam atados os ensinamentos médio e superior; padrões estes que, segundo ela, vinham provocando uma espécie de apatia nos alunos, cada vez menos críticos e mais alienados. Uma de suas perguntas, lançadas a título de provocação, formulou-se assim: “Por que sempre *Os Lusíadas*, por mais genial que possa ser, e nunca *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, essa natural antiépica portuguesa?”. Acrescentemos que a pergunta compartilha da opinião de Adolfo Casais Monteiro, que no prefácio à sua transcrição do texto, do português arcaico para o moderno, chama a atenção para a pouquíssima quantidade de leitores que a narrativa conheceu, e para o seu alijamento do ensino secundário, e mesmo universitário.» (p.4)

Endereço eletrónico : <https://impactum-journals.uc.pt/rel/issue/view/122>